

Álbum cinematográfico

Paulo Cunha

Universidade de Coimbra

paulomfcunha@gmail.com

Fragmentos de um Diário – Traces of a Diary, 16mm, Preto e Branco.

Duração: 74 minutos

Realização: Marco Martins e André Príncipe

Montagem: Mariana Galvão

Som: Luís Lisboa

Montagem de Som: Hugo Leitão

Direcção de Fotografia: Marco Martins e André Príncipe

Produtores: Maria João Mayer e François D'Artemare / Filmes do Tejo II

Apoio Financeiro: MC/ICA, RTP, Fundação Calouste Gulbenkian

"*Fragmentos de um Diário – Traces of a Diary* é um filme concebido como uma espécie de diário de viagem, um caderno de notas cinematográfico sobre o trabalho de alguns dos mais significativos fotógrafos japoneses contemporâneos. Através duma série de encontros com os fotógrafos, os realizadores reflectem sobre a natureza do acto de fazer imagens e contar histórias, sobre o próprio processo diarístico. Ao filmarem com duas câmaras 16mm Krasnogork3, de corda, Marco Martins e André Príncipe valorizam a crueza do espontâneo e do contingente, acima do tratamento estudado. Ao mesmo tempo diário e reflexão sobre o género diarístico, 'Fragmentos de um Diário – Traces of a Diary' é um filme elíptico, uma visão pessoal e dinâmica sobre alguns dos mais importantes fotógrafos actuais e a cidade que eles fotografam. Com Daido Moriyama, Nobuyoshi Araki, entre outros."

Sinopse oficial, Dossier de imprensa.

 Mote do cineasta Marco Martins e do fotógrafo (também com formação e experiência cinematográfica) André Príncipe para este

filme seria criar um ambicioso documentário sobre os fotógrafos mais importantes e célebres da segunda metade do século XX.

Para concretizar o projecto, a dupla começou por fazer algumas viagens à Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e Japão, entrevistando diversos fotógrafos, editores e estudiosos da fotografia. Em pleno processo produtivo, já depois de algumas viagens de preparação, a reacção positiva de alguns fotógrafos japoneses, em particular de Araki, aliada à falta de documentos audiovisuais sobre as personalidades por detrás dos fotógrafos convenceu a dupla criadora a incidir o documentário exclusivamente sobre os fotógrafos japoneses.

O filme começa com uma introdução pré-genérico onde Gerry Badger, historiador, crítico da fotografia e co-autor do livro de referência *The Photobook: A History* (Phaidon Press, 2004), mostra alguns livros de fotografias e vai falando da importância de certos fotógrafos japoneses no contexto da reconstrução da sociedade japonesa no pós-Segunda Guerra Mundial.

Depois do genérico, o filme desenvolve-se em seis actos, cada um protagonizado por um fotógrafo em particular: Daido Moriyama (1938-), Kohei Yushiyuki (1946-), Hiromix (1976-), Kajii Syoin (1976-), Takuma Nakahira (1938-) e Nobuyoshi Araki (1940-). Num registo algo intimista, estes fotógrafos são filmados em diversas situações do quotidiano e em momentos privados, mas também em plena actividade fotográfica, conduzindo a conversa com aparente liberdade pelos temas que mais lhes interessam. Cada momento com cada um dos seis fotógrafos é distinto, realçando a originalidade e diversidade das suas criações fotográficas e das suas próprias personalidades, da forma como observam a realidade que os envolve e como a retratam através da fotografia.

Traces of a Diary não é, declarada e intencionalmente, um documentário convencional. Desde logo, pela estrutura e forma que assume. É apresentado pelos seus realizadores como um “caderno de notas cinematográfico” ou um “diário de viagem” porque, respeitando o objecto em observação, esta escolha de formato procura assemelhar-se a um álbum fotográfico.

Seguindo uma das leituras de Gerry Badger, que defende que “a fotografia, no modo documental, tornou-se, não tanto uma forma de registo do mundo, mas um registo da nossa experiência do mundo”, a dupla Martins/Príncipe optou por deslocar o objecto da sua observação

da fotografia para o fotógrafo. O objecto em observação não são as fotografias ou os álbuns fotográficos onde elas estão perpetuadas mas o momento criador, o método de trabalho, o processo criativo e o modo peculiar destes fotógrafos olharem para o que os rodeia.

Mais do que biografar os fotógrafos em causa e fazer uma retrospectiva do seu trabalho mais significativo, os realizadores optaram por concentrar os seus olhares e o documentário nos encontros e nas conversas que mantiveram com os fotógrafos. Sem ignorar o passado e o percurso dos fotógrafos – critério que, de resto, esteve na origem da selecção destes nomes – Martins/Príncipe preferiram documentar o presente, o seu encontro com os fotógrafos, as conversas com as pessoas por detrás dos artistas e as suas visões sobre a arte fotográfica e as sociedades contemporâneas.

É um olhar subjectivo e pessoal de Martins/Príncipe que nos conduz pelas conversas informais com alguns dos fotógrafos mais importantes da actualidade e com a cidade que eles fotografam. Ao centrar a sua atenção apenas em fotógrafos japoneses, as cidades de Tóquio e Hiroshima passam a ser também figuras em destaque neste documentário.

É também um olhar dinâmico, intuitivo e intimista. Martins/Príncipe valorizam o espontâneo, tanto que um projecto que pretendia ser retrospectivo sobre a arte fotográfica do século XX acabou por os levar até ao Japão e a estes seis encontros em concreto. É esta vertente diarística que justifica a viagem de dois cineastas ocidentais ao Japão, que também documenta o seu olhar estranho sobre a cidade na viagem desde o aeroporto. O filme é simultaneamente um diário da estada de um mês destes cineastas no Japão, do contacto com uma sociedade e uma paisagem estranha, da descoberta dos hábitos e dos espaços. Segundo os cineastas, é precisamente para reforçar este lado autoral e intimista que vemos, repetidas vezes, a sombra ou o reflexo dos mesmos enquanto operam a câmara ou, de uma forma bem mais assumida, a presença no plano durante o encontro final com Araki. Nesse momento algo caótico e anárquico, mais do que aparecer no plano, os cineastas acabam por assumir algum protagonismo, participando no *karaoke*, fazendo brindes com os presentes e posando para a máquina fotográfica do mítico fotógrafo japonês.

Ao longo do ano e meio em que a dupla viveu com este projecto, foi necessário procurar uma forma de expressão cinematográfica alternativa que se aproximasse às narrativas elípticas dos álbuns de fotografia. O desafio seria fazer uma narrativa elíptica (cinematográfica) sobre narrativas elípticas (fotográficas).

A estética pretendida para o filme ditou também o processo técnico escolhido para a sua execução. A opção dos realizadores pela câmara Krasnogork3 era a única, segundo os mesmos, que aproximaria o filme do universo fotográfico em observação: a Krasnogork3 só permite filmar um máximo de 40 segundos, sem som directo (por fazer imenso barulho), por produzir alguns riscos na película (tal como as fotografias dos álbuns em causa, que assumem uma desconstrução do universo pictórico) e, também, pela sua portabilidade (que a aproxima à máquina fotográfica). Esta câmara também permitiu que o processo produtivo pudesse ser desenvolvido por uma equipa reduzida (apenas um operador de som, para além dos dois realizadores). Depois de algumas experiências, os realizadores optaram por usar duas câmaras em simultâneo, conferindo assim total liberdade e espontaneidade à visão subjectiva de cada um deles.

Este documentário, um dos filmes mais interessantes apresentados na última edição do IndieLisboa 2010 – 7^o Festival Internacional de Cinema Independente de Lisboa, foi programado para a secção Cinema Emergente, espaço que pretende destacar novas linguagem do cinema contemporâneo e explorar experiências narrativas. Esteticamente, este filme é um objecto bastante original e criativo, que procura novas alternativas narrativas e explora hipóteses de diálogo interdisciplinar entre cinema e fotografia. Eticamente, este filme proporciona uma reflexão pertinente sobre a necessidade de desconstrução e reconstrução do género documentário e do posicionamento do autor/cineasta perante o objecto em observação, valorizando a subjectividade e a cumplicidade como motor da narrativa e como marca autoral.